

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Universidade de Lisboa

15

天十廿三廿十  
廿十廿三廿十  
廿十廿三廿十  
廿十廿三廿十

## VIAGEM DE ESTUDO AO EGIPTO

O Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que em breve assinalará os vinte anos da sua fundação, ocorrida em 1986 sob a direcção do Professor Doutor José Nunes Carreira, catedrático jubilado do Departamento de História da Faculdade, organizou uma viagem de estudo ao Egipto na Páscoa de 2005.

O roteiro estipulado para a visita de estudo procurou incluir os mais significativos vestígios da civilização do Egipto faraónico e também fazer a ponte para a área copta e a área islâmica. Naturalmente que a arte faraónica era a que mais expectativas despertava no grupo de visitantes, entre os quais se incluíam alguns alunos dos cursos de História, Arqueologia e História e de História da Arte e Património da Faculdade de Letras de Lisboa.

A partida ocorreu no dia 22 de Março de 2005, uma terça-feira, com destino ao Cairo, que é actualmente uma das maiores cidades do mundo em extensão e no número de habitantes. As suas largas avenidas e praças, bem como as suas ruelas turtuosas, as mesquitas e os museus, e até mesmo o trânsito caótico e estrepitoso, despertam logo o interesse do recém-chegado viajante, como já muito antes, embora noutras circunstâncias, tinha entusiasmado Eça de Queirós (1869).

O segundo dia foi dedicado a visitar o complexo funerário real de Sakara («pirâmide escalonada» de Netjerirkhet Djoser), que ainda hoje se mantém em activo estado de reconstrução, desde os trabalhos de Jean-Philippe Lauer, iniciados nos anos 20 do século passado. Mais para norte foram visitadas as grandes mastabas de Kagemni e Mereruka, altos funcionários da VI dinastia, e, mesmo ali ao lado, a pirâmide de Teti, o rei fundador da VI dinastia, cujo exterior está muito deteriorado, mas com um interior onde puderam ser admiradas as inscrições hieroglíficas conhecidas pela designação de «Textos das Pirâmides». Seguindo para Bedrachein foram depois apreciados os parques vestígios que restam da antiga Mênfis, a capital política e religiosa do antigo Egipto ao longo de vários séculos, merecendo ali vivo interesse



O grupo em Sakara.

a estátua colossal de Ramsés II e uma esfinge de alabastro, provavelmente do reinado de Amen-hotep II. A parte da tarde foi dedicada ao planalto de Guiza, com as famosas pirâmides de Khufu (a Grande Pirâmide), Khafré (nesta, quem quis pôde lá entrar) e Menkauré, seguindo-se a visita à Esfinge e aos templos vizinhos, um deles dedicado a Horemakhet.

No terceiro dia manhã visitou-se a igreja copta de São Sérgio e, ali perto, uma sinagoga, para depois seguirmos para a mesquita de Mohammed Ali na Cidadela do Cairo. Assim, e em poucas horas, puderam ser apreciados monumentos de três religiões diferentes, o que motivou instrutivos exercícios de comparação. De tarde foi a visita ao grande Museu Egípcio do Cairo, um tanto desordenado e a precisar de obras de restauro e um novo projecto museológico, mas onde se encontram alguns dos mais importantes testemunhos da arte do Egipto faraónico, desde a Pré-História até à Época Greco-Romana, merecendo um justificado interesse, no primeiro andar, o espólio retirado do túmulo de Tutankhamon.

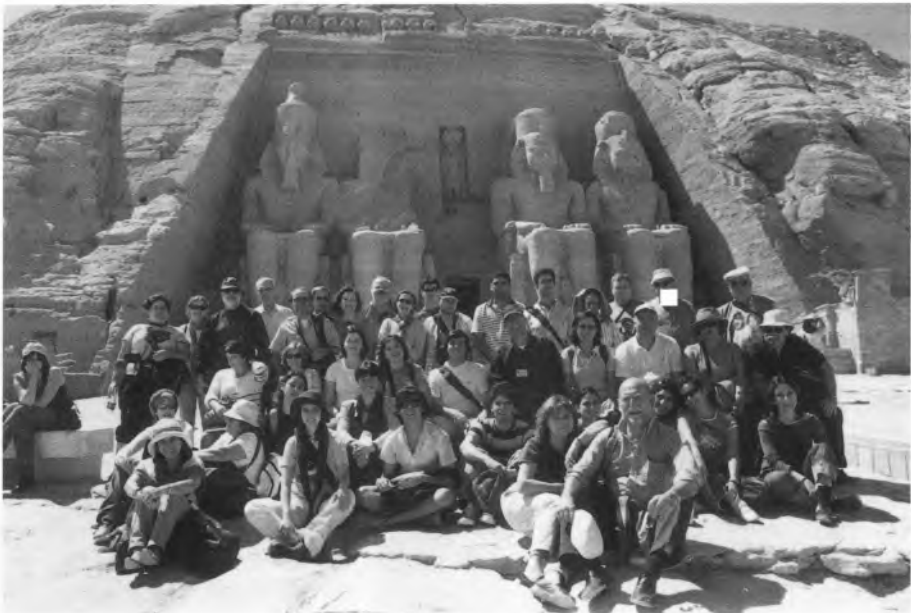
Pela madrugada do quarto dia partimos do aeroporto do Cairo para Assuão para estar bem cedo no Obelisco Inacabado, seguindo-se a barragem de Assuão que agora, controlando o rio Nilo, acabou de

vez com as cíclicas cheias que ocorriam a partir do mês de Julho. Os templos rupestres de Abu Simbel, o maior dedicado ao próprio Ramsés II e a várias divindades, e o mais pequeno a sua esposa Nefertari e à deusa Hathor, extasiaram os visitantes. Depois estivemos na aprazível ilha de Fila, para entrar no templo de Ísis, em relativo bom estado de conservação, e, mais ao lado, o inacabado mas atraente «pavilhão de Trajano».

Foi inesquecível o passeio de feluca que em seguida nos levou a circundar a ilha de Elefantina, onde se apercebem as ruínas do templo de Khnum, muito venerado na região nos tempos faraónicos. Os que quiseram seguiram para uma visita a uma aldeia núbica, alcançando-a em exercícios de equilíbrio no dorso de pachorrentos dromedários.

No quinto dia deu-se início ao cruzeiro no Nilo, descendo o rio para norte, rumo a Kom Ombo, onde foram vistas as ainda impressionantes ruínas de um templo duplo, em invulgar plano arquitectónico, dedicado aos deuses Hórus e Sobek. Mereceram alguma atenção suplementar o nilómetro situado a norte do templo e o pequeno anexo onde se pode ver um grande crocodilo embalsamado (o crocodilo era o animal sagrado do deus Sobek).

O sexto dia passou-se navegando para Edfu, cujo templo, dedicado ao deus Hórus, e datado da Época Greco-Romana, ainda apre-



O grupo em Abu Simbel.

senta um notável estado de boa conservação (durante séculos esteve parcialmente soterrado e serviu de habitação a muita gente). Perto foi apreciada uma construção conhecida pelo nome de *mammisi* (ou casa do nascimento), o local onde, miticamente, a deusa dava à luz (neste caso era a deusa Ísis a dar vida ao seu filho Hórus). Aproveitando a paragem do barco no cais de Esna, os que quiseram foram visitar o pequeno templo de Esna, dedicado a Khnum, venerado também na zona de Assuão-Elefantina (1ª catarata). Nessa noite, houve uma animada festa a bordo onde todos se vestiram com trajes regionais egípcios.

O sétimo dia da excursão proporcionou, pela manhã, a travessia da margem oriental para Tebas Ocidental, visitando o Vale dos Reis, com possibilidade de entrada em três túmulos faraónicos: Tutmés III, Amen-hotep II e Ramsés III, ou, para quem quis em alternativa, o de Seti I. Pagando um suplemento, alguns entraram no túmulo do famoso rei Tutankhamon. Seguiu-se a visita do belo templo funerário da rainha Hatchepsut, em Deir el-Bahari, e depois a passagem pelos chamados «Colossos de Memnon», na entrada do antigo templo funerário de Amen-hotep III, onde ainda hoje decorrem trabalhos de escavação. De tarde percorreu-se o vasto templo de Karnak, iniciando-se o tradicional percurso pelo pátio bubástida, colunata de Taharka, templo de Ramsés III, grande sala hipostila de Seti I e Ramsés II, a área de Hatchepsut e Tutmés III, o núcleo central do Império Médio, área do Akh-menu e lago sagrado. O dia terminou com a visita ao templo de Lucsor, com obras fundamentais dos reinados de Amen-hotep III, santuário, sala da barca, sala hipostila, pátio hipostilo e colunata (meados do século XV a. C.) e Ramsés II (meados do século XIII a. C.), com pátio e pilone.

No oitavo dia partida do aeroporto do Cairo com destino a Lisboa, onde todos chegaram mais enriquecidos culturalmente.

*Luís Manuel de Araújo*

## **TERÁ SIDO DESCOBERTA A CÂMARA SECRETA DE KHUFU?**

Num livro publicado em Paris pela Fayard e lançado a 1 de Setembro de 2004, em Paris, um arquitecto francês, de seu nome Gilles Dormion, anuncia haver localizado um compartimento, até há pouco desconhecido, no próprio coração da Grande Pirâmide, mandada erguer no planalto de Guiza pelo rei Khufu (IV dinastia). Mais: afirma lá se poderem encontrar ainda os restos mortais de Khufu. A referida